

Discurso de posse no cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco

Amigos e amigas,

A palavra que trago no peito é **entrega**.

Adotei na minha vida um valor que tento sempre seguir: estar pronto a entregar-me, de cabeça, às coisas em que verdadeiramente acredito.

Tudo que fiz até aqui (e tudo que pretendo fazer) tem muito de dedicação. Às vezes, fruto de planejamentos, estratégias profissionais; outras nem tanto... às vezes surpreendido com os desígnios de Deus...

Hoje, entrego-me aos compromissos firmados com esta nova missão que me foi conferida, constitucionalmente, pelos representantes máximos do povo pernambucano – o governador do Estado Paulo Câmara (um servidor público de carreira oriundo desta Casa) e todos os deputados estaduais da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco – Vossas Excelências sabem, e por isso tive a confiança da unanimidade, da situação e oposição, que minha gratidão será paga com seriedade e dedicação ao serviço público.

Entrego-me a esta missão deixando a apaixonante atividade de advogado, à qual me dediquei nos últimos 20 anos; o escritório, do qual fui sócio nos últimos 16 anos (aqui meu carinhoso agradecimento a meu irmão André Coutinho, a Rogério Barbosa e Fernando Carvalho e a todos que sempre contribuíram com a minha carreira); e a OAB, instituição a que me doei nos últimos 13 anos, quase como num sacerdócio – casa onde fiz grandes amigos.

Vale destacar que a vaga surgida neste Conselho não decorreu da vontade humana, nem das leis que nos regem.

Ocupar hoje a cadeira deixada pela partida precoce do amigo, do saudoso João Carneiro Campos, que muito contribuiu nos anos que passou neste Tribunal de Contas, com seu jeito atencioso e culto, traz uma marca indelével a minha história nesta Casa - impossível substituí-lo, no máximo tentarei honrar a sua história - aqui um agradecimento especial à família de João: Rosana, Wanja, Zé Henrique, todos que me deram força desde a minha escolha.

Compromisso também que sinto pela receptividade dos conselheiros titulares e substitutos, dos membros do Ministério Público de Contas, de todos do gabinete, da auditoria, da área técnica e servidores... um ambiente de trabalho acolhedor, recheado de gente qualificada e ética.

Aqui recém-chegado, neste primeiro mês, encontrei um Tribunal voltado ao acompanhamento das gestões públicas, carregado de uma lógica de antecipação ao abuso, como disse Rui Barbosa, o patrono das Cortes de Contas, numa verdadeira "jurisdição preventiva" - que só no ano passado, sob a Presidência do Conselheiro Marcos Loreto, fez economizar mais de 69 milhões de reais aos cofres públicos em correções prévias em processos licitatórios - creio que este seja o futuro do Tribunal: o controle concomitante das contas públicas.

Ao excelente trabalho pedagógico da Escola de Contas, tão bem conduzida hoje pelo Conselheiro Ranilson Ramos, quero me colocar à disposição para contribuir com debates sobre as condutas vedadas aos agentes públicos em período eleitoral, levando um pouco da minha experiência na área do Direito Eleitoral e Administrativo, juntamente com técnicos, especialistas da Casa e de fora, do Tribunal Superior Eleitoral e Tribunal Regional Eleitoral, com os amigos da ABRADep- Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político, que congrega mais de 200 *experts* espalhados pelo Brasil.

Transmitir consciência aos gestores, aos servidores municipais e à população em geral sobre estas vedações, pode ampliar a proteção aos recursos públicos e garantir maior isonomia no processo eleitoral.

Assim, compromisso firmado, missão aceita, iniciado os trabalhos, entrego-me, de corpo e alma a este Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco.

Como disse Eduardo Galeano:

“A palavra é sagrada, porque ela revela a alma de cada coisa.

... a alma vive nas palavras que a dizem.

Se dou minha palavra, me dou.”

Dou a minha palavra e me dou; mas estou consciente de que essa entrega é carregada de desafios.

E para enfrentá-los trago alguns **princípios**, já entranhados em minha alma.

Primeiro, carrego em mim os conceitos transmitidos por meus pais Carlos e Anna, que apesar das dificuldades do casamento quase juvenil (casaram-se aos 17 anos), junto com minhas irmãs Luciana e Adriana, que me ensinaram na prática que amor e alegria em abundância, só fazem bem.

De Milu, a quem devo tudo na minha vida, esta publicitária guerreira, um ser humano dotado de um coração gigante, carrego o que construímos de mais precioso nas nossas vidas: uma relação de amor e cumplicidade, um lar, um menino do bem, de nome Igor, e a alegria da nossa casa, chamada Malu (Malu, Malu, Malu) - as razões do meu viver.

Na profissão que adotei, carrego do amigo Eduardo Pugliesi, que enxergou em mim um irmão mais novo, oferecendo ajuda no mestrado, espaço no seu escritório e orientação na vida acadêmica, o compromisso com a qualidade técnica.

Do meu avô, José Cavalcanti Neves, ex-presidente nacional da OAB, trago o sentido de abnegação - incansável defensor dos direitos civis em tempos de ditadura.

E, também, trago da OAB, amigos de lutas comuns, conselheiros estaduais, federais, diretoria da OAB-PE e do CFOAB, agradeço a cada um pela colaboração nesta fase marcante na minha vida.

Destaco o aprendizado de ter convivido com um dos melhores gestores do sistema OAB, reconhecido no Brasil inteiro, o amigo Ronnie Duarte, e a amizade de Bruno Baptista. E de você, presidente Felipe, levarei comigo o seu entusiasmo pela nossa causa coletiva: a defesa das liberdades.

A advocacia e a OAB me legaram uma visão peculiar de mundo, uma visão construída a partir do diálogo e nunca de monólogos; da contraposição de ideias e nunca do cerceamento do direito de defesa; da defesa intransigente da liberdade de expressão e nunca da ilusão de um mundo uníssono.

E aqui que me comprometo mais uma vez: não abandonarei, nos anos que me esperam nesta nova função, estes princípios que constituem o meu caráter e a minha personalidade.

Princípios como humanismo, democracia, ampla defesa, espírito coletivo, respeito à coisa pública, não serão renegados a segundo plano.

Em tempos de dicotomia, de divisões incapacitantes, de disputadas insanas carregadas de ódio, de mal sentimento.... que impedem alguém de se posicionar sem ser rotulado, que dividem este país... precisamos deixar a luz brilhar sobre o que realmente importa: o ser humano; na sua inteireza e completude; na sua individualidade e necessária convivência social, na sua dignidade e coletividade.

Vivemos num momento que todos nós, os carregados de bons propósitos (lógico), devemos nos irmanar.

Apesar das diferenças, dar as mãos; apesar das distintas visões de mundo; dar as mãos; não num compadrio, num arranjo de subserviência, mas sim na construção de pontes institucionais, de diálogos para o futuro, onde a visão do outro é parte integrante e indissociável do todo - a construção coletiva é a própria solução.

Uns querem muros, outros túneis, alguns atalhos, caminhos fáceis; eu só desejo pontes, colaboração, união de forças.

Creio que se pode defender a liberdade junto à responsabilidade, creio que o combate à corrupção pode respeitar a ampla defesa; que a busca pelo equilíbrio das contas públicas pode ser feito sem prejudicar a população mais carente; podemos defender o controle externo sem perdermos a função pedagógica, tudo isso pode parecer contraditório... mas, não o é.

E não o é pois vivemos num Estado Democrático de Direito e esta é a nossa referência - é nele que as supostas contradições são afastadas, onde tudo pode e deve ser solucionado.

Não podemos esquecer que estas duas qualificantes escolhidas pelo constituinte para o Estado Brasileiro são exigíveis conjuntamente. Não deve haver democracia sem direito, nem sistema jurídico antidemocrático.

Sei que posso me comprometer com isso, sei que daqui podemos sair com uma alegre sensação de que o diálogo profundo entre as instituições, entre pessoas com posições políticas concorrentes, funções constitucionais diferentes e visões de mundo distintas, pode construir um país melhor.

Ah, é um sonho, dirão. Me inspiro em outro 28 de agosto, no caso do ano de 1969. Há 50 anos, Martin Luther King também tinha um sonho, um sonho por mais igualdade, e muito daquele sonho ainda é perseguido até hoje.

E por falar em sonho... Quando em 1987, o advogado Fernando Correia tomou posse nesta Casa como conselheiro, citou uma frase de Renato Carneiro Campos, pai do ora saudoso João Campos; em 2011, o mesmo João Campos em sua posse em substituição a Fernando Correia, citou, novamente, a frase de seu pai, que dizia sentir: “uma certa alegria escondida de viver e um certo vício irrecuperável de sonhar”.

Eu, particularmente, tenho uma alegria indisfarçável de viver; mas como Renato Carneiro Campos, Fernando Correia, João, e tantos outros que passaram por aqui, e junto a muitos que hoje se dedicam à causa coletiva, eu também tenho alguns sonhos – pois, quem sonha tem esperança.

Fico por aqui, com as palavras de Gonzaguinha, conclamando:

“Deixem a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!

Fé na vida, Fé no homem, fé no que virá!”

Muito Obrigado

Recife, 28 de agosto de 2019

Carlos Neves